

Volume
XVII

2º SEMESTRE DE 2019

ISSN 2237-3586

História das pesquisas sobre sexo: procedimento de *variação* na divulgação científica

Carlos Alexandre Molina NOCCIOLI¹

Cristiane Cataldi PAES²

Resumo

Este estudo, ancorado no arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso da Divulgação Científica, busca refletir sobre a divulgação científica na mídia impressa brasileira, pontualmente neste trabalho, numa reportagem da revista Superinteressante. Por essa razão, fez-se interessante considerar o tratamento linguístico-discursivo das informações de caráter científico acerca de tópicos temáticos referentes a aspectos sexuais humanos, tradicionalmente vistos como tabu, uma vez que suscitam discussões polêmicas e, conseqüentemente, estratégias de reelaboração, em termos, não só de intercâmbio de registro, mas também de modalização e adaptação do discurso. Focaremos especificamente na análise do procedimento linguístico-discursivo de **variação**, estratégia de ordem lexical, semântica, ou mesmo de registro, utilizado na recontextualização de termos e conceitos especializados para um vocabulário corrente.

Palavras-chave: Análise do discurso. Divulgação científica. Superinteressante.

Abstract

This study, anchored in the theoretical-methodological framework of Discourse Analysis of Scientific Communication, seeks to reflect on the scientific dissemination in

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, na linha de pesquisa Tecnologias, Corpo e Cultura, pela Universidade Estadual Paulista, UNESP; mestre em Letras, na linha de pesquisa Estudos Discursivos, pela Universidade Federal de Viçosa, UFV; e graduado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, pela mesma instituição. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas, IFSULDEMINAS, campus Muzambinho, CEP 37890-000, Muzambinho, Minas Gerais. E-mail: carlos.noccioli@ifsuldeminas.edu.br.

² Doutora em Linguística pela Universitat Pompeu Fabra - Barcelona - Espanha (2003). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Linguística, atuando principalmente nas áreas de pesquisa Gênero Discursivo, Mídia e Identidade e Análise do Discurso da Divulgação Científica. Professora Associada III da Universidade Federal de Viçosa, UFV, CEP: 36570-900, Viçosa, Minas Gerais. E-mail: cristiane.cataldi@ufv.br.

the Brazilian printed media, punctually in this work, in a news report published by the Brazilian magazine Superinteressante. For this reason, it was interesting to consider the linguistic-discursive treatment of scientific communication about thematic topics referring to human sexual aspects, traditionally seen as taboo, since they arouse controversial discussions and, consequently, re-elaboration strategies, in terms of registration, modalization and adaptation of speech. We will focus specifically on the analysis of the linguistic-discursive procedure variation, lexical order strategy, semantics, or even registration, used in the recontextualization of terms and specialized concepts for a current vocabulary.

Keywords: *Discourse analysis. Scientific communication. Superinteressante.*

Introdução

O encontro do âmbito científico com a experiência social cotidiana obriga uma troca de registros. O processo de divulgação de informação, abrangendo desde a coleta de informações selecionadas para serem organizadas até a reformulação do discurso, presta-se a um grande número de estratégias comunicativas. Cataldi (2007a) aponta algumas delas, na esteira de um trabalho desenvolvido por Calsamiglia (1997): o léxico passa a ser composto por vocabulário comum; a sintaxe deixa de estar sujeita à ordem canônica; o texto transforma-se em uma entidade aberta e heterogênea, com possibilidades de associar seu conteúdo a temas da vida cotidiana.

Buscamos, neste trabalho, identificar e analisar as estratégias linguístico-discursivas que caracterizam o processo de recontextualização dos temas tabu relacionados a aspectos sexuais na revista *Superinteressante*, enfocando a reflexão, especificamente, em torno do procedimento de **variação**.

Para tanto, a fim de configurar o *corpus* de análise, definimos palavras-chave para a consulta no acervo *online* disponibilizado pela Editora Abril. Consultamos os textos a partir das palavras **pênis** e **vagina**, as quais foram escolhidas por representarem o centro cognitivo no que se refere à Teoria dos Protótipos (TAYLOR, 1989; LAKOFF, 1990), ou seja, o membro mais prototípico da categoria. A partir disso, selecionamos a

reportagem “Sexo no laboratório”³, constante da seção *Ciência*, escrita pela jornalista Camilla Costa. O texto aborda um percurso histórico acerca das pesquisas científicas que se referem à sexualidade humana.

Questões teóricas

Segundo Calsamiglia e Cassany (1999), a Análise do Discurso é um campo de estudo interdisciplinar, que tem sua base sustentada por outras teorias linguísticas calcadas na linguagem em uso. Dessa forma, é pertinente e relevante o uso de seu aporte teórico-metodológico para o estudo do discurso divulgativo. De acordo com Cataldi (2007 a, p. 158), mesmo que discurso de divulgação seja pautado em informações originadas no “discurso científico, o modo de elaboração deste novo discurso é específico, pois está determinado por concepções próprias de produção e de difusão”

Tornar acessíveis ao público leigo conhecimentos de caráter técnico e científico é uma tarefa árdua em uma sociedade contemporânea cada vez mais bombardeada por informações. Esse contexto acarreta, segundo Cataldi (2007a, p. 155), “a consideração da ciência como notícia”, ou seja, justamente por haver demanda pela (in)formação, a ciência passa a compor a pauta jornalística da mídia. Sendo os jornais e as revistas canais para o público em geral ter acesso às novidades do campo científico, esses veículos são importantes fontes “de (in)formação sobre as implicações científicas e sociais do desenvolvimento tecnológico” (CATALDI, 2009, p. 44).

O profissional da área de divulgação científica comumente não presencia diretamente os fatos ou recebe informações em linguagem acessível a qualquer leitor. Ao contrário, uma vez que é o cientista a fonte do saber científico, o jornalista terá acesso a dados e conceitos, os quais não serão, em grande parte, repassados ao público leigo de uma revista popular.

À luz dessa transposição do discurso científico para o discurso midiático, construído a partir de restrições ideológicas e socioeconômicas do universo editorial, “os jornalistas científicos tomam conhecimento da realidade científica a partir de

³ É possível acessar na íntegra o texto da reportagem analisada, por meio da URL: www.gestaoescolar.abril.com.br/ciencia/sexo-laboratorio-447658.shtml

informações técnicas e especializadas que não podem ser reproduzidas livremente para se comunicar com o público” (CATALDI, 2007a, p. 155).

Nesse sentido, há de se considerar o processo de divulgação científica como um processo de reformulação atrelado a diversas variáveis, tais como a ideologia ou expectativas econômicas da mídia divulgadora.

Os agentes do processo de divulgação do conhecimento científico, ao intervirem, através do processo de reformulação, na formação de opinião do leitor de mídias designadas para satisfazer a curiosidade do leitor, como é o caso da *Superinteressante*, tornam possível uma situação comunicativa, muitas vezes, tendenciosa e fortemente marcada pelo posicionamento editorial da revista.

Observar o processo de reformulação da informação sobre ciência é necessário para se promover um trabalho analítico baseado em reflexões linguísticas em torno do texto em análise – especificamente aspectos referentes a tabus sexuais, publicado em uma reportagem da *Superinteressante* – através do qual possa se identificar o procedimento-linguístico discursivo de **variação** utilizado pela revista. Busca-se, com isso, conhecer a estratégia de transformação do texto (re)produzido em forma de reportagem para o “grande público”.

A recontextualização da informação sobre ciência

Ciapuscio (1997) chama atenção para o fato de que algumas características retóricas e linguísticas são prototípicas do texto científico, tais como vocabulário unívoco⁴ e preciso; referência escrita ao objeto e a tentativa de não utilização de marcas subjetivas; ausência de elementos emocionais; sintaxe simples; dentre outras.

Os textos jornalísticos de divulgação científica configuram-se, portanto, como uma fonte de discurso público, constituídos por fatores contextuais atrelados a sua produção. Nessa linha de raciocínio, Cataldi (2007a) postula que o processo de recontextualização do conhecimento científico é caracterizado como uma “re-criação” desse tipo de conhecimento para cada público específico. Entretanto, a autora chama atenção para o fato de essa prática discursiva não ser simplesmente um resumo ou redução aleatória de dados científicos, mas sim uma habilidade em selecionar,

⁴ Utilizamos, consoante Ciapuscio (1997), o termo “unívoco” no sentido de uma terminologia que não abarque mais de um significado e, conseqüentemente, não gere ambigüidades.

reorganizar e reformular as informações de caráter técnico para leitores com interesses e objetivos diversos, no processo de compreensão dos fatos científicos.

É, portanto, o texto divulgativo um tipo de discurso primário, baseado em textos secundários⁵ que vão se modificando dependendo da situação comunicativa. Isso gera a necessidade de “procedimentos, utilizados na mídia impressa a partir de um uso linguístico escrito” variáveis “segundo certos parâmetros contextuais, como a situação comunicativa, os propósitos de quem a realiza e as características dos destinatários” (CATALDI, 2009, p. 49).

Para tanto, a recontextualização das informações sobre ciência está diretamente relacionada com os procedimentos concretizados pelo uso linguístico-discursivo específico de **expansão**, **redução** e **variação** – este último, foco deste estudo (CATALDI, 2003, 2007a e b e 2009). Esses procedimentos discursivos, na observância do interesse e da necessidade de informar um público amplo, heterogêneo e leigo, são recorrentes na mídia impressa, por meio de seu uso linguístico escrito. São recursos que variam conforme os parâmetros contextuais, tais como a situação comunicativa, os propósitos de quem produz o texto e as características de seu interlocutor.

Especificamente no que se refere ao procedimento de **variação**, este recurso é caracterizado a partir de certas estratégias discursivas de ordem lexical, semântica, ou mesmo de registro – entre termos e conceitos especializados e vocabulário corrente – ocorridas durante o processo de reformulação do texto científico para o texto de divulgação. Dentre outros aspectos linguístico-discursivos, destacam-se a seleção lexical e a modalidade enunciativa.

Na esteira do procedimento de **variação**, Cataldi (2003, 2007a e b) chama atenção para a **variação denominativa**, utilizada como uma importante estratégia léxico-semântica. Essa estratégia está atrelada à utilização de um termo ou expressão alternativa para a informação técnica no momento de sua transposição para o texto divulgativo.

Esse procedimento contribui em “diversas situações comunicativas referentes à divulgação da ciência ao grande público”, refletindo processos comunicativos que vão desde a seleção até a divulgação, caracterizada a partir do processo de

⁵ Usamos as terminologias “discurso primário” e “texto secundário” conforme Ciapuscio (1997), para quem “texto secundário” representa o intertexto subjacente a um discurso ao qual temos acesso, ou seja, o “discurso primário”.

recontextualização, procedimento aquele recorrente em textos de divulgação científica (CATALDI, 2007a, p. 162-163).

A **variação**, enquanto recurso linguístico-discursivo, conforma-se como importante ferramenta no processo de recontextualização no que tange à divulgação da ciência. Esmiuçaremos, pois, tal recurso em nossa análise, de modo a identificarmos sintomaticamente as estratégias que compõem o discurso divulgativo na reportagem da revista *Superinteressante*.

Reportagem em análise

Na reportagem intitulada “Sexo no laboratório”, constante da seção *Ciência*, a jornalista Camilla Costa traça um percurso histórico acerca das pesquisas científicas que se referem ao ato sexual. No título da reportagem, a expressão “no laboratório” é uma referência metafórica que sinaliza sobre a exposição arrolada no texto: questões sobre sexo enfocadas sob a perspectiva científica. O subtítulo explicita que o foco da reportagem está atrelado ao percurso histórico de pesquisas científicas relacionadas ao sexo, conforme em (1): (1) A surpreendente história das pesquisas científicas sobre aquilo que muita gente faz, mas poucos sabem como funciona

Podemos observar que a intenção de despertar a curiosidade dos leitores é expressa, de início, na adjetivação “A surpreendente”. Nesse sentido, o tema “sexo” não aparece explicitamente no subtítulo, sendo subentendido e substituído pelo termo genérico “aquilo”. Mais do que uma interdição puramente para se evitar a expressão “sexo”, já que esta veio expressa no título da reportagem, a jornalista parece reproduzir o discurso do senso comum, em que se encontram com frequência referências a “sexo” como “aquilo”, já que essa expressão genérica serve aos propósitos de uma sociedade em que sexo pode não ser tema apropriado em qualquer contexto. Isso remete a uma noção básica de tabu, em que, se o ato é interdito, a expressão que a ele se refere também o é. Se sexo não é explicitado em qualquer situação, a expressão também não ocorre em qualquer situação comunicativa, sendo substituída, muitas vezes, por termos gerais que não se designam diretamente o ato sexual.

A expressão “aquilo que muita gente faz”, pressupõe a ativação do conhecimento prévio do leitor sobre o que de fato está em questão, ou seja, “aquilo que

muita gente faz” e, portanto, muita gente sabe o que é. O fato de se mencionar o paradoxo de que “poucos sabem como funciona” abre precedente para que o leitor conclua que a reportagem se prestaria a esclarecer sobre o funcionamento do sexo. Entretanto, o enfoque é mais voltado às motivações e aos procedimentos metodológicos curiosos e burlescos utilizados em pesquisas ao longo da história, do que, de fato, à explicação acerca do que ocorre no corpo humano durante o ato sexual.

O procedimento de variação

Embora não ocorra de forma frequente no texto em questão, é possível destacar da reportagem uma série de casos de **variação**. A jornalista opta mais pela reiteração de termos do que pelo procedimento linguístico-discursivo de **variação**. Assim, encontram-se mais exemplos de palavras de fácil compreensão.

De forma geral, para o sentido de “(fazer) sentir desejo sexual”, duas ocorrências aparecem sob a **variação** “prazer” e seis ocorrências são registradas em torno da palavra “excitação”. A derivação adjetiva “excitada” ocorre em um exemplo, conforme em (2): (2) Quando ligou a corrente elétrica pela primeira vez, a paciente soltou um gemido, ficou muito **excitada** [...]. (destaque nosso)⁶

Em termos divulgativos, há uma troca de registro entre a construção “vasos capilares [...] cheios de sangue” e a construção “mulher excitada”, conforme (3): (3) A luz refletida pelos vasos capilares da região mostra se **eles estão mais ou menos cheios de sangue**, ou seja, se **a mulher está mais ou menos excitada**.

A extensão “sexual” aparece em duas ocorrências, conforme (4) e (5): (4) Todo mundo sabe que a lingerie é um forte instrumento de **excitação sexual** [...]; (5) Quando chegam ao cérebro, esses impulsos provocam **excitação sexual** e orgasmo.

Vale a pena destacar o termo “prazer” que ocorre no mesmo sentido em (6), (7) e (8): (6) Dickinson criou uma teoria anatômica do orgasmo, defendendo cientificamente a posição em que a mulher poderia obter **mais prazer** durante o ato sexual [...]; (7) A medida do **prazer**; (8) [...] **mais prazer** mesmo sem o uso do aparelho.

⁶ Os destaques em negrito no *corpus* são nossos, utilizados como ferramenta metodológica.

Tanto em (6) quanto em (8), o advérbio “mais” intensifica o sentido do termo “prazer”, já que as pesquisas apresentadas no texto revelam um interesse na busca desse “prazer” sexual. Em (7), o subtítulo faz menção direta às invenções cuja finalidade era identificar o grau de desejo sexual que o indivíduo pudesse sentir.

Sobre os animais, a expressão “bolinar” aparece marcada com aspas, conforme (9): (9) [...] existem funcionários especializados em “**bolinar**” as fêmeas antes da inseminação – para que elas engravidem mais facilmente.

Em (9), as aspas sinalizam que a expressão “bolinar” não seria propriamente o termo adequado no que se refere à relação entre homem e animal, ou animal sendo excitado por homem. Entretanto, ao invés de simplesmente sinalizar essa inadequação vocabular, a escolha da expressão não parece ser aleatória, ou seja, por falta de outro termo específico, já que a situação caracteriza-se como algo cômico quando encarado dessa forma: o ser humano excitando um animal, na acepção de “bolinar”⁷.

As **variações** apresentadas no texto para o “ato sexual”, de forma geral, giram em torno das expressões “ato sexual” (quatro ocorrências), “sexo” (seis ocorrências) e “transar” (quatro ocorrências) e suas derivações.

Outras **variações** mais específicas para “ato sexual” podem ser observadas nas construções abaixo, realizadas linguisticamente a partir das expressões: “na cama”, “atividade sexual” e “vidas sexuais”: (10) Eles descrevem, com um grau de detalhes inédito, os hábitos e as preferências das pessoas **na cama**.; (11) Enquanto observavam casais, prostitutas e prostitutos durante a **atividade sexual**, eles mediam a pressão, os batimentos cardíacos e as secreções das cobaias.; (12) Ela encomendou um estudo no qual médicos mediram a vagina de 243 mulheres, que foram entrevistadas sobre suas **vidas sexuais**.

Em uma referência ao ato sexual que fugisse aos moldes mais tradicionais, registramos a **variação** “suruba” em um contexto de promiscuidade sexual: (13) [...] sessões de masturbação, sexo hetero e homossexual, masoquismo e *surubas* em geral [...].

⁷ Vale a pena destacar do dicionário Houaiss (2004, p. 106) uma das definições para “bolinar”: “tocar ou encostar-se com fins libidinosos, disfarçadamente e ger. em lugares públicos”. Dessa forma, a escolha lexical da jornalista induz o leitor a imaginar uma situação burlesca.

Vale destacar que a expressão “preliminares”, pertencente ao campo semântico de sexo, aparece no texto como **variação** de algo que equivale textualmente à “introdução”. Sua utilização está associada à tentativa de gerar humor, conforme demonstramos em (14): (14) Então relaxe, fique à vontade, e vamos começar as **preliminares**.

Na construção “Levar o sexo para o laboratório”, evidencia-se que, embora a expressão remeta literalmente ao ato sexual dentro do laboratório, a ambiguidade – possibilitada pelo contexto – habilita a inferência de que o sexo tenha se tornado pauta de pesquisas científicas.

A expressão “orgasmo” aparece doze vezes ao longo do texto. As únicas **variações** encontradas foram “gozar”, conforme (15), e a expressão “transa bem sucedida, que vai até o fim”, conforme (16): (15) Alguns minutos depois, as cobaias recebem a ordem final: “Ok, podem **gozar**”.

(16) [...] durante o sexo, várias regiões do cérebro são desativadas para eliminar as “distrações” cognitivas e aumentar as chances de uma **transa bem-sucedida, que vai até o fim** e cumpre sua missão na Terra – produzir descendentes.

Vale a pena observar que, em (16), a expressão pode não estar necessariamente referindo-se ao orgasmo, mas à consumação do ato sexual de forma geral.

É importante também destacar que as **variações** “unidade reagente” para “casal transando” e “completar o ciclo de resposta sexual” para “atingir o orgasmo” não são estratégias divulgativas, mas sim fatos divulgados, já que, em certo momento do texto, a jornalista discorre sobre a mudança de foco da sexologia. Para tanto, segundo a jornalista, os pesquisadores William Masters e Virginia Johnson adotaram “uma terminologia mais sóbria”. Nesse sentido, destaca-se uma questão de cunho metalinguístico, ou seja, a divulgação de um tema atrelado a uma questão de vocabulário que creditasse às pesquisas um cunho efetivamente científico.

Para os órgãos sexuais, foi encontrada a referência exofórica “aquilo”, conforme (17) e (18): (17) A surpreendente história das pesquisas científicas sobre **aquilo** que muita gente faz, mas poucos sabem como funciona; (18) [...] com orgasmos rápidos, e quase ilimitados, sem mão **naquilo** nem **aquilo** na mão.

Em (18), destaca-se o jogo de palavras que remonta motes do senso comum, tais como: “mão naquilo, aquilo na mão”, “mão na coisa, coisa na mão”, etc.

Para a genitália masculina, as **variações** registradas oscilaram entre “pênis” (duas vezes) e “órgão” (uma vez). Já para a genitália feminina, o termo “vagina” aparece (cinco vezes) e, quando a **variação** é “órgão”, vem seguida da extensão “sexual feminina” (por duas vezes), conforme (19) e (20): (19) [...] foi o primeiro a medir com precisão todos os ângulos e tamanhos do **órgão sexual feminino.**; (20) Por exemplo: durante o ato sexual, a cor dos **órgãos sexuais femininos** permite saber se uma mulher já teve filhos [...].

No subtítulo “O colecionador de vaginas”, o termo “vagina” não se configura como **variação** de “genitália feminina”, na realidade, o termo refere-se aos modelos que representavam as vaginas.

No texto analisado, a divulgação do conhecimento científico, acerca das pesquisas relacionadas ao sexo, menciona a invenção de algumas “máquinas”. Sistematizamos, pois, as **variações** que fazem referência a elas.

No quadro abaixo, destacam-se as **variações** para o termo “pênis-câmera” registradas no texto:

Pênis-câmera
<i>engenhoca</i>
<i>sonda vaginal fotopletismográfica</i>
<i>palitinho</i>
<i>aparelho</i>

Tabela 1: **variações** encontradas na reportagem para “pênis-câmera”.

Em relação ao “pletismógrafo peniano”, duas **variações** foram registradas: “aparelho” e “maquininha”.

Para “Fruit Machine” registra-se, além da **variação** “aparelho”, a tradução do termo para o português: “Máquina da fruta”. O mesmo ocorre para “Máquina de orgasmos”. Além de duas ocorrências do termo “aparelho”, registram-se, em duas outras ocorrências, a sigla a qual intitula a máquina (“Nasf”); em uma ocorrência, o

significado da sigla (“Neurally Augmented Sexual Function”); e, em outra, sua tradução em português (“função sexual neurologicamente aumentada”).

Registramos, assim, um modesto aparecimento de **variações** para expressões relacionadas diretamente ao sexo. E no que tange às genitálias masculinas e femininas, não há construções eufêmicas a fim de se evitar os termos. Entretanto, a utilização de palavras genéricas remete à reprodução do senso comum, possivelmente para se aumentar a adesão do público geral, já que essas utilizações foram realizadas a partir da intertextualidade com motes populares. Nesse sentido, a troca de registro busca, antes, aspectos que remetam ao burlesco do que a tentativa de suavizar os termos considerados tabu.

Síntese da análise

Em linhas gerais, o texto apresenta um registro, em relação às pesquisas sobre o ato sexual, que tende ao informal, embora mantenha expressões associadas às denominações específicas e, portanto, menos informal, como é o caso de “pênis” e “vagina”. É importante ressaltar que a reportagem está permeada de referências intertextuais com ditos populares e clichês. As expressões do senso comum revelam a reprodução desse tipo de discurso.

Na busca por um vocabulário informal, para melhor interagir com seu público leitor, observa-se a marcação de aspas em palavras como “distrações”, em “distrações cognitivas”, “bolinar”, que, a princípio, têm a finalidade de justificar a troca de registro para uma melhor adequação ao texto divulgativo.

Em relação ao procedimento linguístico-discursivo de **variação**, pode-se dizer que o mecanismo não aparece com tanta frequência no que se refere às expressões relacionadas diretamente ao sexo. Não houve a intenção de interditar em grandes proporções as referências às genitálias femininas ou masculinas, talvez justamente pelo fato de as expressões que aparecem no texto terem sido os padrões: “pênis” e “vagina”. Vale lembrar o uso de palavras genéricas e sem a marcação de gênero que representaram sentidos considerados tabu em construções como “**aquilo** que todo mundo faz” e “**mão naquilo**”, de modo a reproduzir o discurso do senso comum. As

variações mais evidentes foram as que estiveram atreladas aos aparelhos que surgiram como consequência de descobertas científicas.

Embora a temática abordada na reportagem tenha sido relativa a questões sexuais consideradas como tabu, a maior parte das **variações** não se dá em vista da modalização eufêmica da linguagem. Ao contrário, ou constituem-se como mecanismo de coesão lexical, ou são mais provocações de difemismos para gerar humor, através de trocadilhos, ambiguidades e paródias.

Dessa forma, a linha editorial da revista *Superinteressante* entra em sintonia com o público leitor, a qual busca, não só tornar mais acessível o conhecimento científico, mas assumir uma conduta de transgressão de paradigmas, através de piadas com assuntos interditos e da abordagem de temas curiosos a essa faixa etária.

Referências bibliográficas

CALSAMIGLIA, H. Divulgar: itinerarios discursivos del saber: una necesidad, un problema, un hecho. **Quark**, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, p. 9-18, 1997.

CALSAMIGLIA, H.; CASSANY, D. Voces y conceptos en la divulgación científica. **Revista Argentina de Lingüística**, Argentina, v. 11-15, p. 173-208, 1999.

CATALDI, C. **Los transgénicos en la prensa española**: una propuesta de análisis discursivo. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2003. 409p. (Tese de Doutorado).

CATALDI, C. A divulgação da ciência na mídia: um enfoque discursivo. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2007a, p. 155-164.

CATALDI, C. Análise discursiva da denominação utilizada na mídia impressa para representar e divulgar o conhecimento sobre planta transgênica. In: GOMES, M. C. A.;

MELO, M. S. S.; CATALDI, C. **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2007b, p. 193-209.

CATALDI, C. A ciência na mídia impressa: a divulgação debate sobre transgênico. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. **Práticas discursivas: construindo identidades na diversidade**. Viçosa, MG: UFV, Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLet, 2009, pp. 43-63.

CIAPUSCIO, G. Lingüística y divulgación de ciência. **Quark**, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, pp.19-28, 1997.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S; FRANCO, F. M. M. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LAKOFF, G. (1987). **Women, fire and dangerous things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

NOCCIOLI, C. A. M. **Análise das estratégias linguístico-discursivas na divulgação de temas tabu na Revista *Superinteressante***. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, UFV, Viçosa, 2010.

TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. 2. ed. Oxford: Clarendon Press (1st ed., 1989), 1995.